

Lição 10 – Como combater o fascismo

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. Como combater o fascismo. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 91-99.

ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0012>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

LIÇÃO 10

COMO COMBATER O FASCISMO

O filósofo Adorno foi o pensador que formulou a sentença mais adequada sobre o desafio de combater o fascismo. Para ele, “qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que *Auschwitz* não se repita” (Adorno, 1995a, p.119). A educação deve ser concebida como desbarbarização, procurando dirigir todos os esforços para dissipar a frieza do espírito que fortalece preconceitos, ressentimentos e impulsos de destrutividade. Mas ao mesmo tempo que reconhece a extrema urgência de uma educação voltada para a autonomia, Adorno não deixa de destacar os obstáculos que se erguem ao combate da desbarbarização, pois as condições que geraram a cumplicidade coletiva com o nazifascismo permanecem existindo sob a forma de pressões sociais que fortalecem impulsos anticivilizatórios: “se a barbárie se encontra no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador” (ibidem, p.119). O filósofo analisa a intensidade pela qual o mal-estar na civilização prospera na sociedade burguesa, pela acumulação de impulsos destrutivos que o próprio Freud

difícilmente poderia prever. A descrição de Adorno, realizada nos anos 1960, expõe um quadro sufocante e explosivo de patologias sociais que se mostra altamente presente na época histórica atual, quando se testemunha o surgimento de novos tipos de angústia e depressão, sob o impacto das redes sociais:

É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de se encontrar enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional (ibidem, p.122).

Adorno privilegia a coisificação da consciência como tema que deve merecer a maior parte dos esforços dos educadores, para que os processos formativos visem a um trabalho dirigido contra a frieza e a indiferença. Combater a coisificação dos espíritos implica inverter a tendência de valorização de ideais de virilidade e de severidade emocional no âmbito da educação infantil. A “educação por cotoveladas”, baseada na força e na disciplina, gera pessoas indiferentes a si mesmas e inclinadas ao cultivo da violência arcaica, pois “quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir” (ibidem, p.128). A educação baseada na severidade e na frieza gera a vulnerabilidade emocional ao fascismo, na medida em que fragiliza a autonomia do ego e torna os sujeitos suscetíveis de se enturmarem junto a coletivos fascistas: “pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados.

Isto combina com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa” (ibidem, p.129).

Na medida em que a desbarbarização pressupõe combater as tendências de virilidade e de severidade que muitas vezes estão presentes na educação infantil, isso significa que a oposição ao fascismo não pode ser baseada em práticas de violência. Embora a violência fascista deva ser punida pelo emprego das medidas legais, institucionais e policiais que toda sociedade civilizada deve conter, é importante ressaltar que a violência já é o pressuposto necessário da barbárie, e isso implica que lutar contra o fascismo por meio de práticas violentas já significa reforçar involuntariamente aquilo mesmo que se procura combater. Esse talvez seja o aspecto de mais difícil entendimento para aquelas pessoas que procuram se opor por todos os meios possível à violência fascista. Com exceção de contextos conflituivos extremos em que não é possível sustentar práticas de diálogo, nas demais situações o emprego da violência é completamente ineficaz, pois implica reproduzir as mesmas condições que são inseparáveis do fascismo. A única postura que o fascista efetivamente respeita, embora não o faça de maneira explícita e imediata, é a firmeza de espírito do indivíduo que não berra nem agride, pois sabe argumentar com serenidade e coerência. Pois é esta a atitude que verdadeiramente atinge a alma do fascista, que em seu íntimo aspira a horizontes serenos e tranquilos, que possam dissolver seu estado de impostura emocional: “uma visão clara e calma colocaria em perigo a atitude que lhe foi infligida e que, por sua vez, ele tenta infligir a si mesmo” (idem, 1986, p.145).

Adorno tinha perfeita consciência de que educar contra a barbárie se constitui como objetivo de formação em grande medida voltado contra tendências anticivilizatórias que se disseminam desde a própria estrutura da sociedade burguesa. Ao examinar o fenômeno da

fetichização da técnica, que conduz muitas pessoas a desviarem sua capacidade de amar para objetos técnicos, em vez de pessoas, o filósofo é obrigado a constatar que é desesperançoso atuar de maneira contrária a tendências que são hegemônicas no conjunto da civilização burguesa. Quando o amor é absorvido por objetos técnicos, isso significa que a distribuição das pulsões de vida no interior da personalidade de desconectou de suas finalidades primárias – amar outros seres humanos –, sendo patologicamente desviada para simples coisas materiais. O grande problema é que esse tipo de patologia está inteiramente identificada com os padrões de normalidade e de sucesso que se tornaram hegemônicos na sociedade, o que leva Adorno (1995a, p.133) a afirmar que combater a coisificação da consciência “significa o mesmo que ser contra o espírito do mundo; e desta maneira apenas repito algo que apresentei no começo como sendo o aspecto mais obscuro de uma educação contra *Auschwitz*”.

Conforme tratamos em capítulo anterior, o fascismo se nutre não apenas de esquemas emocionalmente projetivos que distorcem o Outro, e de impulsos destrutivos dirigidos contra minorias sociais, mas também de posturas ressentidas que se voltam contra os potenciais formativos da cultura. É muito comum que simpatizantes do fascismo desvelem pensamentos e atitudes declaradamente avessas às artes, à filosofia e às humanidades em geral, e esse comportamento é sobretudo reativo aos potenciais de autonomia intrínsecos à cultura. Embora esse possa ser o comportamento mais comum diante da cultura, é muito importante observar que a síndrome fascista também se mostra presente entre amantes declarados das artes, da filosofia e das humanidades. Vale a pena repetir uma observação relevante de Adorno (2010, p.26-27) a esse respeito: “na verdade, o progresso evidente, a elevação geral do nível de vida com o desenvolvimento das forças produtivas materiais não se manifesta nas coisas

espirituais com efeito benéfico”. Esse argumento obriga a reconhecer a insuficiência dos preceitos formativos para que um ser humano específico se torne um homem eticamente evoluído. Embora projetos educativos firmemente voltados contra a barbárie sejam instrumentos essenciais para combater o fascismo, é forçoso reconhecer que, sem o firme propósito do sujeito para se autoeducar, a educação é impotente e não oferece nenhuma garantia de um mundo melhor.

Chegamos, então, a uma questão absolutamente decisiva no tocante à relação entre a educação e o combate ao fascismo. Em si mesmo, o campo educativo é impotente como instrumento de desbarbarização, pois o fascismo não é apenas resultado da doutrinação em massa realizada pelo líder grupal, uma vez que é sobretudo determinado pelo esforço de um sujeito específico em se manter na condição de inseto. A esse respeito, uma imagem emblemática da cultura europeia na época romântica do século XIX faz menção ao gesto do Barão de Münchhausen, um nobre europeu que, após cair em um pântano enquanto passeava montado em seu cavalo, consegue se erguer e sair do lodaçal pura e simplesmente se puxando pelos cabelos. Seu gesto, que contraria a causalidade mecânica das leis físicas, expressa da maneira mais perfeita possível o papel fundamental do indivíduo para afirmar a si mesmo contra as tendências objetivas da sociedade. A superação das condições kafkianas que tendem a manter homens e mulheres em condições de heteronomia que os tornam comparáveis a insetos, depende sobretudo da iniciativa e da firmeza de caráter do indivíduo singular para se relacionar de maneira autônoma com a cultura, liberar a força armazenada no próprio espírito e se erguer do pântano mediante seu próprio esforço.

Segundo Nietzsche, o ressentimento envenena o espírito pela ruminação de vinganças imaginárias que

reproduzem a moral de rebanho própria aos sujeitos cativos. A mentalidade ressentida se constitui como um dos maiores obstáculos para combater o fascismo, pois ela trava, já no interior do sujeito, o cultivo de esforços espontâneos e de interesse pela cultura, sem os quais a formação do espírito se torna simplesmente impossível. Em texto dedicado a deplorar a hostilidade a processos formativos constatada entre os candidatos à carreira docente na Alemanha na década de 1960, Adorno (1995a, p.72) expôs o problema da formação do espírito em termos afins com a simbologia contida na imagem do Barão de Munchausen: “mas podemos exigir de uma pessoa que ela voe?” Em outras palavras, diante da apatia ressentida manifestada mesmo por jovens estudantes que optaram pela carreira docente no campo da filosofia, como exigir hábitos correspondentes a uma apropriação produtiva da cultura em pessoas que cultivam em si mesmas apenas um interesse convencional e semiformado pela cultura?

Na medida em que o fascismo é nutrido por uma suscetibilidade das próprias pessoas a projeções emocionais patológicas, ressentimento e coisificação do espírito, é lícito concluir que todos os esforços pedagógicos e formativos voltados para a desbarbarização somente poderão surtir efeito se as pessoas envolvidas estiverem espiritualmente afinadas com sua própria evolução. A cumplicidade das próprias pessoas com a reprodução social do cativo do espírito foi exposta em termos análogos por Kant (2008, p.116), com referência à necessidade de aprimoramento espiritual como tarefa civilizatória: “como pode esperar-se que de um lenho tortuoso se talhe algo de plenamente reto?”. A superação do ressentimento e demais moléstias do espírito demanda um esforço pessoal intrasferível do próprio sujeito, pois somente ele é capaz de abrir-se a experiências formativas, mediante o enfrentamento de suas próprias limitações. A superação de uma

moral escrava tem como condição a abertura de si próprio ao aprimoramento da sensibilidade e da inteligência, requisitos para os quais é insuficiente a simples assimilação formal de conhecimentos.

O fato de que a desbarbarização em si mesma é um processo que depende antes de mais nada do esforço de uma pessoa para se entregar à superação de sua pequenez espiritual, somente pode ser devidamente compreendido quando a alma humana é pensada como princípio substancial autônomo e irreduzível ao mecanicismo das coisas extensas. O conceito metafísico de alma pressupõe uma concepção rigorosamente antagônica à tese do filósofo John Locke acerca da mente humana como tábua rasa na qual somente a experiência inscreve os conteúdos. Embora os espíritos humanos sejam amplamente suscetíveis ao recebimento de influências exteriores, não se pode negar que, pelo livre-arbítrio, cada pessoa manifesta as qualidades de autodeterminação e autocausalidade que lhe permitem determinar-se por si mesma no campo ético e moral. O pôr a si mesmo do espírito, sua capacidade irreduzível de se constituir como causa de si mesmo, ou *causa sui*, foi apresentada de maneira clara por Aristóteles. O homem tem em si mesmo o poder de escolher entre o vício e a virtude, o que torna a autodeterminação uma qualidade imanente do espírito: “Logo, depende de nós praticar atos nobres ou vis, e se é isso que se entende por ser bom ou mau, então depende de nós sermos virtuosos ou viciosos. [...] O homem é pai de suas ações como é de seus filhos” (Aristóteles, 1991, p.47).

A concepção metafísica de espírito circunscreve a efetivação dos processos formativos no campo educativo ao crivo da vontade autolegisladora de cada pessoa, que tanto pode sintonizar seu livre-arbítrio com as demandas de realização progressiva da consciência de si em horizontes hegelianos, como também pode se

deixar conduzir pelas inclinações egoístas e mesquinhas do mal radical. Aristóteles postula que as virtudes de caráter são potenciais próprios ao espírito humano, cuja realização se torna possível desde que um ser humano determinado se entregue a hábitos educativos que busquem atingir o meio termo adequado entre o excesso e a falta no âmbito das paixões. Para o filósofo, “a virtude diz respeito às paixões e ações em que o excesso é uma forma de erro, assim como a carência, ao passo que o meio-termo é uma forma de acerto digna de louvor” (ibidem, p.33). O aprimoramento do caráter, visando à realização da virtude, é um empreendimento ético difícil que exige determinação e se arrisca ao erro: “é possível errar de muitos modos (pois o mal pertence à classe do ilimitado e o bem, à do limitado, como supuseram os pitagóricos), mas só há um modo de acertar. Por isso, o primeiro é fácil e o segundo, difícil – fácil errar a mira, difícil acertar o alvo” (ibidem, p.33).

Assim, se no campo ético o aprimoramento do espírito é uma empreitada sujeita a erros, esse é um ofício que exige desprendimento do indivíduo em relação aos diversos desvios viciosos que afetam a vida e, acima de tudo, depende inteiramente da mobilização da capacidade de autodeterminação do espírito. Nesse sentido, o imperativo de combater o fascismo aparece como um desafio rigorosamente delimitado pela qualidade substancial do espírito de pôr a si mesmo. Isso implica que, embora os maiores esforços no campo da educação devam ser urgentemente dirigidos para que Auschwitz não se repita, todo ser humano empenhado em melhorar o mundo do ponto de vista ético deve se resignar diante da impossibilidade de mudar o Outro. A reforma íntima do caráter é tarefa irreduzivelmente pessoal, que demanda grande desprendimento e força de vontade, e somente pode se realizar de dentro para fora, jamais de fora para dentro.

Para quem efetivamente almeja combater o fascismo, é forçoso reconhecer que a única meta que está ao alcance de cada pessoa consiste em combater o fascismo no interior de si próprio. O Outro é uma mônada espiritual encerrada em si mesma, dotada de portas e janelas que estão abertas ao conhecimento do mundo, porém permanecem fechadas a apelos e exortações externas dirigidas à transformação íntima do caráter. Assim como o Barão de Münchhausen depende apenas de si mesmo para se erguer do pântano, somente cada espírito singular, encerrado em sua solidão íntima, é capaz de reverter o trajeto autoimposto do ressentimento e da coisificação. Então, para quem efetivamente deseja combater o fascismo, o único recurso de que todos os seres humanos dispõem está em combater o fascista existente no interior de si mesmo. O enfrentamento das próprias sombras é um trajeto irredutivelmente pessoal, intransferível e inteiramente condicionado pela potencialidade de cada espírito em tornar-se aquilo que verdadeiramente é:

O espírito se mostra tão pobre que parece aspirar, para seu reconforto, ao mísero sentimento do divino em geral – como um viajante no deserto anseia por uma gota d'água. Pela insignificância daquilo com que o espírito se satisfaz, pode-se medir a importância do que perdeu. (Hegel, 2002, p.29)